

Paulo de Araújo



O alemão Holger Kolodziej é professor de regência em Minas

ERUDITO

REGENTE DE ÓPERA VAI VOLTAR AO BRASIL

Rosana Gonçalves
Da equipe do Correio

No ano que vem o maestro e pianista Holger Kolodziej deverá voltar para seu país de origem, a Alemanha, mas avisa que vai voltar. Em abril termina contrato com a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, onde é regente residente desde 1998. "Fazer música no Brasil é muito interessante", diz em entrevista ao Correio Dois o maestro que veio a Brasília para reger a Sinfônica na apresentação da ópera *O Escravo*.

Também professor de regência orquestral no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, desde maio passado, o pianista Kolodziej veio para o Brasil por recomendação de seus ex-professores de regência de coral e regência orquestral, Johannes Hömberg e Volker Wangenheim, respectivamente, na Escola Superior de Música de Colônia.

Ambos justificaram que o ex-aluno concluiu estudos com nota máxima, e mostrou sólidos conhecimentos de partituras de obras sinfônicas, óperas e operetas, além de reger com entusiasmo. Holger Kolodziej, 29 anos, abriu a temporada deste ano da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais regendo *Carmine Burana*, de Carl Orff. Se depender dele, o contrato com a orquestra será renovado.

Quando se iniciou na regência, em 1993, ainda era estudante, na Alemanha. Já profissional, foi regente da Philharmonie Junger Christian, de Algsburg, da Hofgartenorchester, de Bonn, e da Filarmônica de Sielgerland, entre outras. À frente da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, encontra facilidade para trabalhar. "Todos gostam e querem tocar. Mas a gente tem que ser bem forte no comando do grupo, para conseguir um resultado satisfatório", afirma.

PAIXÃO

Música é o que dá satisfação ao regente, que começou a tocar piano aos sete anos, e aos 14 estava certo de que o trabalho musical era sua paixão. Quando o estresse profissional toma conta de Kolodziej, relaxa trabalhando com música.

O regente e pianista alemão tem críticas no entanto, em relação a inexistência de programação freqüente e de repertório das orquestras brasileiras. "A gente faz concerto num dia e não sabe quando será o próximo", diz. Situação bastante diversa da que normalmente se encontra na Alemanha, onde existem 140 teatros que fazem óperas.

Em Belo Horizonte, a Orquestra Sinfônica vem tentando popularizar a música erudita, se apresentando gratuitamente todo primeiro domingo do mês, na Concha Acústica ao lado do Palácio das Artes. O regente Holger Kolodziej garante que cinco mil pessoas em média se reúnem a cada concerto, que tem repertório com músicas leves. Outra tentativa são os concertos didáticos oferecidos para estudantes de 5 a 12 anos da rede oficial de ensino.

CAPA: PAINÉIS DE ATHOS BULÇÃO SÃO TRATADOS COM CUIDADO E DESCASO

O AZULEJO TEM DUAS FACES

Rodrigo Caetano
Especial para o Correio

É HORA DE SE CONCENTRAR. QUANDO ATHOS BULÇÃO SENTA PARA CRIAR FIGURAS GEOMÉTRICAS DE AZULEJOS, ESQUECE DO TEMPO. NÃO PENSA MUITO. APENAS SE DEBRUÇA SOBRE PAPÉIS, LÁPIS E IDÉIAS. MUITAS VEZES É O SUBCONSCIENTE QUE TRABALHA E, DE REPENTE, ACORDA COM O DESENHO PRONTO NA CABEÇA. "OS AZULEJOS SÃO DE TODOS NÓS, SÃO DA CIDADE", DIZ O ARTISTA PLÁSTICO CARIOCA, QUE VIVE EM BRASÍLIA HÁ 41 ANOS.

A dedicação a Brasília surgiu por causa de convite do ex-presidente Juscelino Kubitschek para, juntamente com Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, desenvolver projetos arquitetônico, urbanístico e artístico para a cidade. Ao que parece, no entanto, este cuidado e esta paixão pela cidade não são retribuídos com igual intensidade pela população.

O Hospital Regional de Taguatinga, por exemplo, colocou, há quatro anos, placa enorme de inauguração sobre painel de azulejos desenhados por Athos Bulcão. "Achei um absurdo! Não há respeito e educação do público para saber que os painéis são obra de arte. Athos botou cor nesta cidade. Sem a obra dele Brasília fica cinza", declarou Eduardo Cabral, secretário-executivo da Fundação Athos Bulcão.

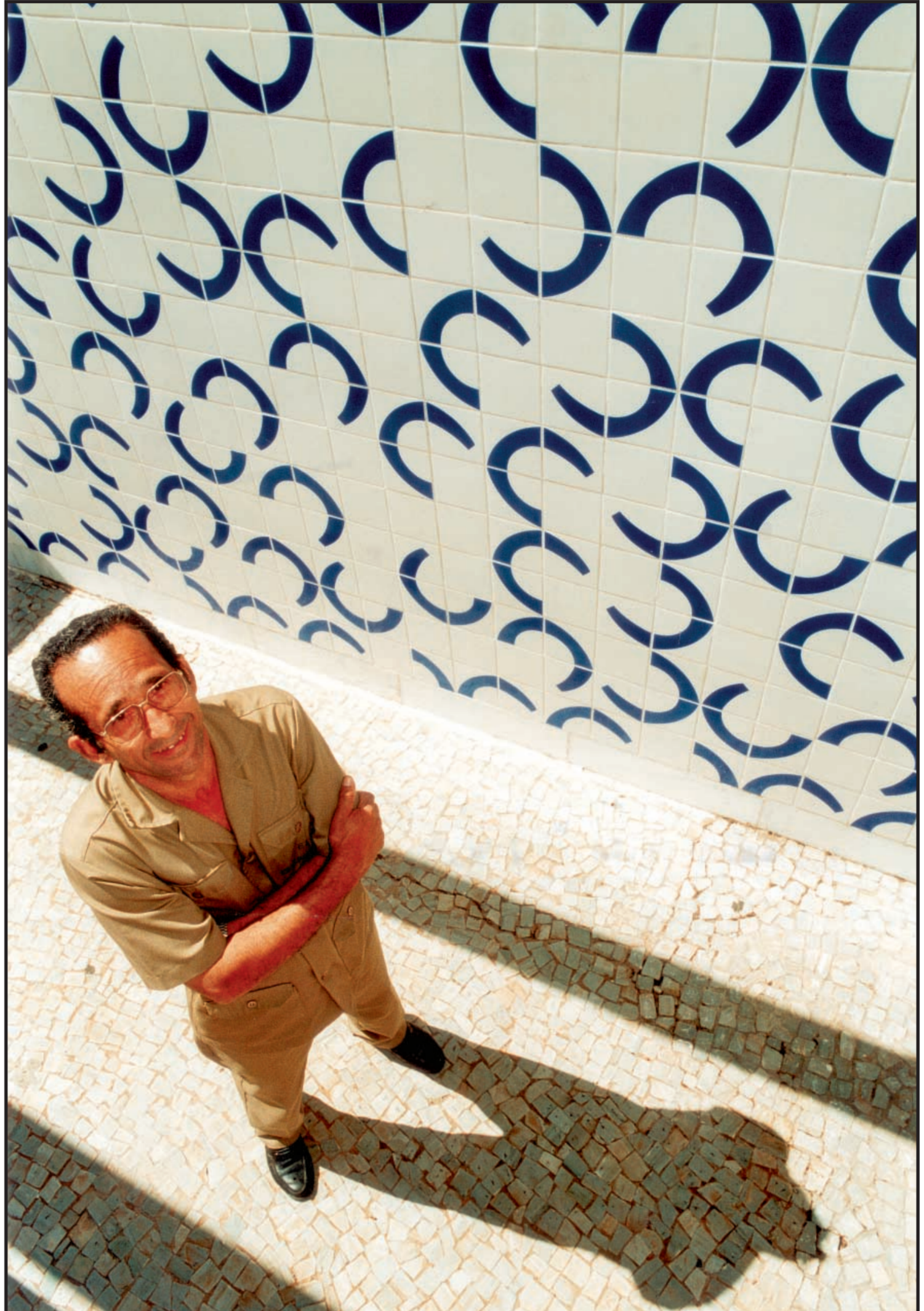
Athos Bulcão sabe do que fazem com os trabalhos que criou, mas releva: "Eu não considero agressão comigo. Fico indiferente ao problema em si. O que posso fazer? O relaxamento com as obras de arte é característica do brasileiro. Não tomamos conta nem das nossas belezas naturais, quanto mais das artes..."

Outro caso de desrespeito à obra de Athos Bulcão aconteceu na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Localizada na EQS 307/308, construída em 1958, os azulejos do local vêm sendo pichados com freqüência. Frei Alísio, responsável pela administração da Igreja, chegou a propor grades para cercar a construção de Oscar Niemeyer, mas o próprio Athos Bulcão foi contra. "Apesar de não gostar de pichação, que é frustração de pessoas que têm inveja do trabalho do artista, prefiro o contato direto de minha obra com as pessoas."

NOS PRÉDIOS

Mal ou bem-tratados, a obra de Athos Bulcão marca muitos pontos de Brasília. Na cobertura

Anderson Schneider



O zelador Inácio Amorim Neto cuida com carinho de painel de azulejos em cobertura na 203 Sul: "É muito bonito e tem formato interessante"

do único duplex da 203 Sul, por exemplo, os azulejos de Athos fazem parte do salão de festas e das paredes ao redor. Em tons de azul, amarelo e branco, o desenho acompanha os arcos da estrutura do prédio. A construção do edifício foi iniciativa de grupo de pessoas que se juntaram em condomínio e resolveram construir o prédio.

As obras começaram em 1969 e duraram dez anos. Os moradores administravam e fiscalizavam a construção, concluída pela Encol. O projeto original dos azulejos assinado por Athos Bulcão data de novembro de 1975 e estão guardados até hoje

na garagem do prédio.

O zelador Inácio Amorim Neto, 59 anos, cuida do edifício desde a fundação. Ele veio da Bahia para tentar a vida em Brasília, e, há 13 anos, se mudou para a garagem do prédio onde vive com mulher e três filhos. Mesmo sem conhecer a obra de Bulcão, o zelador tem muito cuidado na hora da limpeza, que é feita a cada dois meses. São utilizados água, sabão e detergente. Seu Inácio tem consciência da importância da arte na cobertura: "Destruir um painel como esse não seria legal. É muito bonito, tem formato interessante e é difícil achar como esse em outros cantos."

Para se ter acesso à cobertura, o morador precisa pedir autorização ao síndico, o coronel Manso Neto, de 79 anos, há 16 morando no prédio. Para ele, a política de conservação dos azulejos é questão primordial. "O zelo deve ser obrigatório e se, por qualquer motivo, algum azulejo precisar ser substituído temos reserva, mesmo que pouca".

Na sala de cada um dos 24 apartamentos de 523 metros quadrados (no valor de R\$ 500 mil), há painel em mármore de duas cores que acompanha a parede em forma de "S". Alguns moradores sabem que são concepções de Athos Bulcão. Outros não: "Lá em

casa, fizemos reforma sem saber que havia painel de Athos, porque a parede já estava coberta com cimento. Então, quebramos parte da obra. Soubemos de quem era o painel quase dois meses depois", conta o morador Maurício Sarment, 21 anos.

As pessoas que desconhecem o valor de uma obra de arte, ou, mais que isso, destroem o patrimônio público da cidade, Athos Bulcão dá conselho: "Como brasileiro de coração, gosto da cidade e quero o melhor para todos. As pessoas têm de lutar para ter a oportunidade de conhecer o mundo da arte acessível".

ATHOS SUPERA DOENÇA E FAZ MÁSCARAS

Com 81 anos de vida, Athos é um entusiasta: "Vou quase todos os dias à tarde para meu ateliê". Para ele, a produção de arte é um fator vital, orgânico. Desenha, pinta, planeja azulejos e muito mais... No ateliê na 714 Sul, Athos está desenvolvendo projeto com máscaras feitas com durepox, materiais alternativos como botões e criatividades. "Quero fazer muitas máscaras e, em seguida, escolher as melhores. Então, quando todas estiverem prontas, vou expor", diz Athos.

No processo de criação, primeiro, vem as idéias e logo em seguida, começa a produção das máscaras inspiradas em expressões humanas de amigos e anônimos que guarda na cabeça. Uma delas é inspirada em um

dos personagens do filme *Satyricon*, de Federico Fellini.

A última exposição foi em julho passado na galeria que tem o nome dele. Há oito anos, Athos Bulcão convive com o Mal de Parkinson (disfunção neurológica que altera sistema motor). Toma sete medicamentos e duas vitaminas e ainda faz fisioterapia quatro vezes por semana no Hospital Sarah Kubitschek — onde há painel de sua autoria — para amenizar as conseqüências da doença.

"No intelecto não me atrapalha em nada. Na parte motora, sim. Preciso desse controle (*dos remédios*) feroz para domar minha mão e continuar fazendo o que gosto."

É e assim que o artista Athos Bulcão continua produzindo.

Jefferson Rudy



Mesmo com o Mal de Parkinson, Bulcão não interrompeu a produção

São mais de 300 painéis de azulejos em todo mundo. O último foi concluído em dezembro de 1998, para o prédio do Instituto

Rio Branco. O mais recente é o projeto de painel para o novo prédio do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

A adoração por azulejos vem desde criança. "Sempre fiz várias coisas ao mesmo tempo. Mas queria fazer painéis para prédios. O objetivo era retomar uma tradição portuguesa, colonial, que se encaixa perfeitamente ao estilo do Brasil", comenta Athos Bulcão.

Athos também desenvolve atividades que não são tão conhecidas quanto os azulejos: desenha com canetas de ponta, faz colagens e serigrafias. As figuras são as mais diversas. Um traço emenda no outro e assim surgem, rostos, expressões, animais e, sobretudo, geometrismos. "Antes assistia às novelas. Mas são muito chatas. Agora pego esse tempo e dedico para minha própria distração. Brinco de fazer formas..."